

ESCRITORES & AMANTES

LILY KING

AMOSTRA

Tradução
Laura Folgueira

TORDESILHAS

Tenho um pacto comigo mesma de não pensar em dinheiro pela manhã. Sou como um adolescente tentando não pensar em sexo. Mas eu também estou tentando não pensar em sexo. Nem em Luke. Nem em morte. O que significa não pensar na minha mãe, que morreu durante uma viagem de férias no inverno passado. Tem muita coisa em que não posso pensar para conseguir escrever pelas manhãs.

Adam, meu locador, observa enquanto levo o cachorro dele para passear. Está com as costas apoiadas na sua Benz, usando terno e sapatos brilhantes quando subo de volta pelo acesso de carros. Está carente nesta manhã. Todo mundo está, acho. Ele gosta do quanto contrasta comigo, que estou de moletom e descabelada.

Quando eu e o cachorro chegamos mais perto, ele diz:

— Você acordou cedo.

Eu sempre acordo cedo.

— Você também.

— Reunião com o juiz no tribunal às sete em ponto.

Me admire. Me admire. Admire *juiz*, e *tribunal*, e *sete em ponto*.

— Alguém tem que fazer reuniões.

Não gosto de mim mesma perto de Adam. Acho que ele não quer que eu goste. Deixo o cachorro me arrastar

por alguns passos, na direção de um esquilo que está se apertando para passar no meio de umas ripas na lateral daquela casa enorme.

— E então — diz ele, tentando evitar que eu me afaste demais. — Como vai o *romance*?

Ele fala como se eu que tivesse inventado a palavra. Ainda está apoiado no carro e virando só a cabeça na minha direção, como se gostasse demais da pose para desfazê-la.

— Vai bem. — As abelhas que moram no meu peito se agitam. Algumas descem pela parte interna do meu braço. Uma conversa é capaz de destruir minha manhã inteira. — Preciso voltar a ele, inclusive. Dia corrido. Dois turnos.

Puxo o cachorro pela varanda dos fundos de Adam, solto a coleira, dou um empurrãozinho para ele passar pela porta e desço rápido os degraus.

— Quantas páginas já escreveu?

— Umhas duzentas, talvez. — Não paro de andar. Estou na metade do caminho até meu quarto, na lateral da garagem dele.

— Sabe — diz ele, se descolando do carro e esperando minha atenção total. — Acho extraordinário você considerar que tem algo a dizer.

Sento à minha mesa e olho as frases que escrevi antes de sair com o cachorro. Não me lembro delas. Não me lembro de colocá-las no papel. Estou muito cansada. Olho os dígitos verdes no rádio-relógio. Menos de três horas até eu precisar me arrumar para o turno do almoço.

Adam fez faculdade com meu irmão mais velho, Caleb — aliás, acho que Caleb era meio apaixonado por ele na época —, e por isso faz um preço amigo no aluguel. Abaixa ainda mais por eu passear com o cachorro dele pela manhã. O quarto antigamente era uma estufa e ainda tem um cheiro de terra argilosa e folhas em decomposição. Só tem espaço para um

colchão de solteiro, uma mesa, uma cadeira e um fogão elétrico de uma boca, além de um forninho elétrico no banheiro. Coloco a chaleira de volta no fogão para tomar mais uma xícara de chá preto.

Não escrevo por considerar que tenho algo a dizer. Escrevo porque, se não fizer isso, tudo parece ainda pior.

Às nove e meia, levanto da cadeira, esfrego as manchas de filé e mirtilo na minha camisa xadrez branca, seco-a na mesa com o ferro de passar, coloco-a num cabide e engancho o cabide na alcinha de cima da mochila. Visto a calça preta de trabalho e uma camiseta, prendo o cabelo num rabo de cavalo e ponho a mochila nas costas.

Tiro minha bicicleta da garagem de ré. Ela mal cabe lá por causa de todas as porcarias que Adam guarda: carrinhos de criança velhos, cadeirões, cadeirinhas infantis de descanso, colchões, escrivaninhas, esquis, skates, cadeiras de praia, tochas, pebolim. A minivan vermelha da ex-mulher dele ocupa o que sobra do espaço. Ela deixou para trás junto com todo o resto, exceto as crianças, quando se mudou para o Havaí no ano passado.

— Que desperdício de carro bom — disse a empregada um dia quando estava procurando uma mangueira. Ela se chama Oli, veio de Trinidad e guarda coisas tipo os dosadores de plástico do sabão em pó para mandar para a família. Aquela garagem deixa Oli doida.

Desço pela Carlton Street, ultrapasso o sinal vermelho na Beacon e subo pela Commonwealth Avenue. Deslizo para a frente, levantando do assento, e espero, com uma fila crescente de estudantes, o farol abrir. Alguns deles admiram minha bicicleta. É antiga, com selim banana, e a encontrei num lixão em Rhode Island, em maio. Luke e eu arrumamos, colocamos uma corrente nova lubrificada, apertamos os cabos do freio e subimos o eixo do assento enferrujado até ficar da

minha altura. O câmbio fica no quadro, o que faz com que ela pareça mais poderosa do que realmente é, como se houvesse um motor secreto em algum lugar. Eu gosto do fato de ela parecer uma moto, com os guidões verticais elevados, o assento longo e acolchoado, e a barra alta atrás, na qual eu me recosto enquanto estou passeando. Eu não tinha uma bicicleta com selim banana quando criança, mas minha melhor amiga tinha, e a gente trocava de bicicleta por vários dias. Esses alunos da Universidade de Boston são jovens demais para ter andado numa dessas. É estranho não ser mais o tipo mais jovem de adulto. Já tenho trinta e um anos, e minha mãe está morta.

O farol abre, e sento de novo, cruzo as seis faixas da Commonwealth, subo e atravesso a ponte Boston University até Cambridge, do outro lado do rio Charles. Às vezes, desabo antes de chegar na ponte. Às vezes, começa na ponte. Mas, hoje, estou bem. Hoje, estou segurando a onda. Deslizo para a calçada da Memorial Drive, que margeia a água. É o ápice do verão e o rio parece cansado. Na margem, uma espuma branca empurra os juncos. Parece a gosma branca que se acumula nos cantos da boca da mãe do Paco no fim de um longo dia reclamando sem parar na cozinha. Pelo menos não moro mais lá. Até a estufa do Adam é melhor que aquele apartamento na periferia de Barcelona. Cruzo a River Street e a Western Avenue e saio do concreto para o caminho de terra que passa bem perto da beira do rio. Estou bem. Ainda estou bem, até ver os gansos.

Eles estão no lugar de sempre, na base da ponte de pedestres, uns vinte ou trinta, fazendo alarido, torcendo o pescoço e enfiando o bico nas próprias penas ou nas penas alheias, ou nos poucos chumaços de grama que sobram na terra. O som deles aumenta conforme me aproximo, resmungos, murmúrios, grasnos indignados. Estão acostumados a interrupções em seu caminho e se mexem o mínimo possível para sair da minha frente, alguns fingindo bicar minhas canelas quando passo, outros deixando as penas da

bunda roçarem o aro do pneu. Só os mais histéricos fogem para a água, berrando como se estivessem sendo atacados.

Eu amo esses gansos. Eles deixam meu peito apertado e cheio, e me ajudam a acreditar que tudo vai ficar bem de novo, que eu vou passar por esse período como passei por outros, que o nada vasto e ameaçador à minha frente é um mero espectro, que a vida é mais leve e divertida do que eu penso. Mas logo depois dessa sensação, da suspeita de que nem tudo está perdido, vem a urgência de contar à minha mãe, contar que estou bem hoje, que senti algo próximo da felicidade, que talvez ainda seja capaz de ser feliz. Ela vai querer saber disso. Mas não tenho como contar. Esse é sempre meu obstáculo numa manhã boa como esta. Minha mãe deve estar preocupada comigo, e não posso dizer que estou bem.

Os gansos não se importam por eu estar chorando de novo. Estão acostumados. Grasnam, guincham e abafam os sons que eu faço. Uma corredora se aproxima e desvia do caminho, sentindo que eu não a vejo. No ancoradouro, já há menos gansos. Na ponte Larz Anderson, viro à direita, subindo a JFK até Harvard Square.

É uma espécie de expurgo que costuma durar algumas horas.

O Iris fica no terceiro andar de uma propriedade de um clube de Harvard, que começou a alugar o espaço há uma década para pagar quase cem mil dólares de impostos devidos. Não tem muitos alunos no verão, e eles usam uma entrada separada do outro lado da grande mansão de tijolos, mas ouço alguns ensaiando de vez em quando. Eles têm o próprio teatro e fazem peças nas quais homens se vestem de mulher, e seu próprio grupo *a cappella*, que entra e sai do prédio vestindo smokings dia e noite.

Tranco a bicicleta no poste de metal com uma placa de estacionamento, subo os degraus de granito e abro a porta grande.

Tony, um dos *maîtres*, já está na metade do primeiro lance, com a roupa vinda da lavanderia pendurada no braço. Ele pega os melhores turnos, então tem dinheiro para mandar o uniforme para lavagem profissional. A escadaria é imponente, coberta por um tapete gorduroso e manchado de cerveja que já deve ter sido de um carmim suntuoso. Deixo Tony chegar lá em cima e circular o próximo lance de escadas antes de começar a subir. Passo pelos retratos de presidentes que já foram membros do clube: Adams, Adams, Roosevelt, Roosevelt e Kennedy. O segundo lance é mais estreito. Tony está indo devagar, ainda na metade da escadaria. Desacelero ainda mais. A luz do topo da escada desaparece. Gory está descendo.

— Tony, cara — grita ele. — E aí?

— Tudo certo, nada resolvido.

Gory dá uma risada. A escadaria treme quando ele vem na minha direção.

— Está atrasada, moça.

Não estou. É só algo que ele fala para as mulheres em vez de cumprimentá-las. Não acho que ele saiba meu nome.

Sinto o degrau em que estou afundar quando ele passa por mim.

— A noite vai ser cheia. Cento e oitenta e oito reservas — diz ele por cima do ombro. Será que ele acha que já é de tarde? — E o cara do plantão acabou de ligar dizendo que está doente.

O cara do plantão é Harry, meu único amigo no Iris. Mas ele não está doente. Está a caminho de Provincetown com o novo cumim.

— Pode pegar seu taco longo — avisa ele.

— Nunca saio de casa sem ele — respondo.

Não sei como, mas na minha entrevista ele arrancou de mim a história do golfe. Por acaso, ele joga croquet. Não em festas de jardim, mas como profissional, em campeonatos. Supostamente, é um dos melhores jogadores de croquet do país. Abriu o Iris depois de uma vitória grande.

Abaixo de mim, ele funga alto três vezes, puxa o catarro, engole, pigarreia e sai para a rua com todo o dinheiro da noite anterior numa pochete com BANCO CAMBRIDGE SAVINGS escrito em letras garrafais. Alguém grudou um post-it nas costas dele: “Me assalte”.

— Olha só, se não é a Casey Kasem — diz Dana quando chego ao topo da escadaria. — Ainda não foi demitida? — Ela está debruçada no balcão de hostess da Fabiana, desenhando o mapa das mesas. É quase ilegível e sem dúvida será injusto.

Sigo pelo corredor até o banheiro, onde coloco a camisa branca e torço o cabelo no coque alto e apertado obrigatório. Faz minha cabeça doer. Quando volto, Dana e Tony estão mudando as mesas de lugar, colocando os grupos grandes em suas seções e garantindo que tudo esteja a favor deles: as mesas grandes, os clientes frequentes, os investidores de restaurantes que não pagam, mas dão gorjetas astronômicas. Não sei se são amigos fora dali, mas em todo turno trabalham juntos como dois patinadores do mal, preparando o terreno para mais algum feito maquiavélico e depois desfilando pelo salão quando dá certo. Definitivamente, não são um casal. Dana não gosta de ser tocada — praticamente quebrou o braço do novo cumim quando ela disse que estava com torcicolo e ele esticou a mão para massagear o pescoço dela com o dedão —, e Tony não para de falar da namorada, embora apalpe todos os garçons durante o turno inteiro. Eles enganam completamente Gory e Marcus, o gerente, ou pelo menos têm os dois na mão. Harry e eu suspeitamos que sejam as drogas que vêm pelo irmão de Tony, um traficante que vive entrando e saindo da cadeia e de quem Tony só fala quando está chapado, exigindo votos de silêncio como se nunca tivesse contado aquilo antes. Chamamos Dana e Tony de Twisted Sisters e tentamos ficar fora do caminho deles.

— Vocês acabaram de tirar duas mesas da minha seção — diz Yasmin.

— A gente tem duas de oito lugares — responde Tony.

— Usa a porra da mesa de vocês. Essas são minhas, seus babacas. — Yasmin nasceu na Eritreia e foi criada em Delaware, mas leu muito Martin Amis e Roddy Doyle. Infelizmente, não tem chance contra as Twisted Sisters.

Antes de eu conseguir me unir a Yasmin, Dana me aponta um dedo:

— Vai pegar as flores, Casey Kasem.

Ela e Tony são os maîtres. A gente tem que fazer o que eles mandam.

O almoço é para amadores. É para recém-contratados e burros de carga velhos que fazem turno dobrado, trabalhando o máximo de horas que a gerência permitir. Sou garçonne desde os dezoito, então fui de garçonne nova a burro de carga em seis semanas. O dinheiro do horário do almoço é uma bosta em comparação com o do jantar, a não ser que você receba um grupo de advogados ou palhaços de empresa de biotecnologia comemorando alguma coisa com rodadas de martinis que fazem as notas voarem das carteiras deles. O salão está cheio de luz do sol, o que parece antinatural e muda todas as cores. Prefiro o pôr do sol e as janelas escurecendo aos poucos, a luz laranja suave das arandelas douradas que mascara as manchas de gordura nas toalhas de mesa e as sujeiras que podemos ter deixado passar nas taças de vinho. No almoço, a gente fica apertando os olhos por causa da luz azul do dia. Os clientes pedem café assim que se sentam. Dá para ouvir de fato a música que Mia, a bartender do almoço, coloca. Quase sempre é Dave Matthews. Mia é obcecada por Dave Matthews. Gory em geral está sóbrio e Marcus, tranquilo, fazendo o que quer que faça no escritório e deixando a gente em paz. Tudo no horário do almoço fica de ponta-cabeça.

Mas passa rápido. Fico ocupada com três mesas de duas pessoas e uma de cinco antes do relógio no Harvard Yard

bater meio-dia. Não tenho tempo para pensar. É como se você fosse uma bola de tênis jogada da frente para os fundos do salão várias e várias vezes até suas mesas irem embora, e chegar ao fim, e você estar sentada com uma calculadora somando suas gorjetas de cartão de crédito e distribuindo as gorjetas em dinheiro para a bartender e os cumins. A porta é trancada de novo, Mia coloca “Crash Into Me” no talo e, depois que todas as mesas são separadas, os copos polidos, e os talheres enrolados para o almoço do dia seguinte, você tem uma hora na praça antes de bater cartão de novo para o jantar.

Vou ao meu banco ao lado da loja de itens de Harvard. Tem fila. Só um caixa. LINCOLN LUGG, diz a placa de latão em frente ao caixa com cara de marmota. Meus meios-irmãos chamavam o cocô deles de marmota. O mais novo costumava me puxar para o banheiro para me mostrar quanto tempo conseguia passar na privada. Às vezes, todos íamos olhar. Se eu fosse conversar com um terapeuta sobre minha infância, e esse terapeuta me pedisse para lembrar um momento feliz com meu pai e Ann, eu falaria sobre a vez que todos nos reunimos para olhar uma das marmotas bizarramente grandes de Charlie.

Lincoln Lugg não gosta da minha expressão de divertimento quando chego ao balcão. Algumas pessoas são assim. Acham que todo o divertimento dos outros acontece às custas delas.

Ponho meu bolo de dinheiro na frente dele. Ele também não gosta disso. Seria de se pensar que caixas pudessem ficar felizes por você, especialmente depois que você passasse para os turnos de jantar e duplos e tivesse 661 dólares para colocar na conta.

— Você pode usar os caixas eletrônicos para fazer depósitos, sabia? — diz ele, pegando o dinheiro com a ponta dos dedos. Ele não gosta de tocar em dinheiro? Quem não gosta de tocar em dinheiro?

— Eu sei, mas é que, como é em dinheiro, eu...
— Ninguém vai roubar o dinheiro depois que estiver dentro da máquina.

— Só quero garantir que entre na minha conta, não na de outra pessoa.

— Temos um protocolo sistematizado estritamente regulamentado. E fica tudo registrado em vídeo. Isso que você está fazendo aqui é bem menos seguro.

— Já estou feliz de poder depositar esse dinheiro. Por favor, pare com o balde de água fria. Esse dinheiro nem vai tirar um cochilo antes de ser sugado pelos agiotas do governo, então, me deixe curtir, tá?

Lincoln Lugg está contando meu dinheiro com os lábios e não responde.

Estou endividada. Estou tão endividada que, mesmo se Marcus me colocasse em todos os turnos de almoço e jantar possíveis, não conseguiria pagar a dívida. Meus empréstimos da faculdade e da pós-graduação entraram todos em protesto enquanto eu estava na Espanha e, quando voltei, fiquei sabendo que as multas, taxas e despesas de cobrança tinham quase dobrado em relação ao valor original que eu devia. Agora, a única coisa que dá para fazer é administrar, pagar o mínimo até — e aqui está o problema — até o quê? Até quando? Não tem resposta. Faz parte do espectro em branco ameaçador que me ronda.

Depois de meu encontro com Lincoln Lugg, choro num banco em frente à Igreja Unitária. Faço isso de forma mais ou menos discreta, sem barulho, mas não consigo mais impedir que as lágrimas corram pelo meu rosto quando têm vontade.

Vou até a livraria de livros estrangeiros Salvatore's, na Mount Auburn Street. Trabalhei lá há seis anos, em 1991. Depois de Paris e antes da Pensilvânia, de Albuquerque e do Oregon, e da Espanha, e de Rhode Island. Antes do Luke. Antes de a minha mãe ir para o Chile com quatro amigos e ser a única a não voltar.

A loja parece diferente. Mais limpa. As pilhas foram reorganizadas, e colocaram o caixa onde ficava a seção de Línguas Antigas, mas, nos fundos, onde Maria e eu passávamos o tempo, está tudo igual. Fui contratada como assistente de Maria em Literatura Francesa. Eu acabara de voltar de um período morando na França naquele outono e tinha uma fantasia de que, embora Maria fosse americana, íamos falar francês o tempo todo, conversando sobre Proust, e Céline, e Duras, tão popular na época; em vez disso, falávamos em inglês, quase sempre sobre sexo, que, no fim das contas, era francês de alguma forma. De oito meses de conversa, hoje, só lembro um sonho que ela teve com Kitty, a gata dela, fazendo oral nela. A língua áspera era muito boa, ela tinha dito, mas a gata se distraía o tempo todo. Lambia um pouco e depois ia para a pata, e Maria acordou berrando: “Foco, Kitty, foco!”.

Mas Maria não está lá no fundo. Nenhum deles está, nem Manfred, o alemão oriental cínico que tinha um acesso de raiva sempre que alguém pedia Günter Grass, porque Günter Grass se opunha fortemente à reunificação. Todos fomos substituídos por crianças: um garoto de boné e uma garota com cabelo até as coxas. Como são três da tarde de uma sexta, estão bebendo cerveja, Heineken, como a gente fazia.

Gabriel sai do depósito com mais uma rodada. Está igual: cachos grisalhos, torso longo demais para as pernas. Eu era meio apaixonada por ele. Gabriel era muito inteligente, amava livros, lidava com todas as editoras estrangeiras ao telefone na língua delas. Tinha um humor sombrio e irônico. Está distribuindo garrafas. Diz algo num sussurro, e todos riem. A garota de cabelão está olhando para ele como eu costumava olhar.

Eu não estava dura na época que trabalhava na Salvatore's. Ou, pelo menos, não achava que era. Minhas dívidas eram bem menores, e o Sallie Mae, e o EdFund, e o Collection Technology, e o Citibank, e o Chase ainda não estavam me atormentando.

Eu sublocava um quarto numa casa na Chauncy Street com amigos por oitenta dólares por mês. Estávamos todos tentando ser escritores e tínhamos empregos para sobreviver. Nia e Abby estavam trabalhando em romances, eu estava escrevendo contos, e Russell era poeta. De todos nós, eu teria apostado que Russell insistiria por mais tempo. Rígido e disciplinado, ele se levantava às quatro e meia todo dia, escrevia até às sete e corria oito quilômetros antes de ir trabalhar na Biblioteca Widener. Mas foi o primeiro a se render e ir fazer faculdade de Direito. Hoje, é advogado tributário em Tampa. Abby foi a seguinte. A tia dela a convenceu a fazer a prova de corretora de imóveis, de brincadeira. Depois, ela tentou me dizer que ainda estava usando a imaginação quando andava pelas propriedades inventando uma nova vida para seus clientes. Eu a vi no mês passado, na frente de uma casa enorme com colunas brancas em Brookline. Ela estava debruçada na janela do motorista de uma SUV preta na entrada, assentindo profusamente. Nia conheceu um acadêmico que pesquisava Milton, tinha uma postura excelente e uma herança, e que devolveu o romance dela depois de ler quinze páginas dizendo que narrativas femininas em primeira pessoa o irritavam. Ela jogou o livro no lixo, casou com ele e se mudou para Houston quando o marido conseguiu um emprego na Universidade Rice.

Eu não entendia. Não entendia nenhum deles. Um por um, eles desistiram, se mudaram e foram substituídos por engenheiros do MIT. Um cara de rabo de cavalo e sotaque espanhol entrou na Salvatore's procurando *Sur Racine*, de Barthes. Falamos em francês. Ele disse que detestava inglês. O francês dele era melhor que o meu — o pai dele era de Alger. Cozinhou para mim um ensopado de peixe catalão no quarto dele na Central Square. Quando me beijou, tinha cheiro de Europa. A bolsa de estudos dele terminou, e ele voltou para Barcelona. Fui fazer um mestrado na Pensilvânia, e escrevíamos cartas de amor um para o outro até eu começar a

sair com o cara engraçado de uma oficina que escrevia contos sombrios de duas páginas passados em cidadezinhas de New Hampshire. Depois que terminamos, fui morar um tempo em Albuquerque, depois acabei em Bend, Oregon, com Caleb e o namorado dele, Phil. Uma carta de Paco me achou lá e retomamos nossa correspondência. Junto com sua quinta carta, havia uma passagem só de ida para Barcelona.

Fupei um pouco na seção de Gregos Antigos. É a próxima língua que quero aprender. Virando a esquina, na seção de Italiano, a única outra cliente está sentada de pernas cruzadas no chão com um menininho, lendo *Cuore* para ele. A voz dela é grave e bonita. Comecei a falar um pouco de italiano em Barcelona, com minha amiga Giulia. Chego à longa parede de Literatura Francesa, dividida por editoras: fileiras de Gallimards vermelhos e marfim, Éditions de Minuit azuis e brancos, Livres de Poche baratinhos e os extravagantes Pléiades, separados em sua própria redoma de vidro, encadernação de couro com tipografia dourada e finas faixas de ouro: Balzac, e Montaigne, e Valéry, as lombadas brilhando como joias.

Eu colocava na prateleira exemplares de todos esses livros, abria as caixas, empilhava-os em prateleiras de metal no depósito dos fundos e trazia alguns por vez, em geral discutindo com Maria o tempo todo sobre *À la recherche*, que eu adorava e ela dizia ser tão chato quanto *Middlemarch*. Ela teve que se masturbar dezoito vezes, disse, para suportar *Middlemarch* no verão em que fez dezessete anos. Aquele livro deixou minha Terra Prometida dolorida, disse.

Vejo um exemplar de *Sur Racine*, que não tínhamos no dia em que Paco veio procurar. Precisei encomendar para ele. Toco a cola no topo da lombada. Nunca choro por Paco. Aqueles dois anos com ele me são leves. Fomos do francês para uma espécie de híbrido de catalão e castelhano que ele me ensinou, e me pergunto se isso é parte do motivo de eu não ter saudade dele, o fato de tudo o que já dissemos um ao outro ser em línguas que estou começando a esquecer.

Talvez a excitação do relacionamento *fossem* as línguas, o fato de tudo ser intensificado para mim por causa disso, como se fosse um desafio de tentar manter a crença dele em minha facilidade com línguas, minha capacidade de absorver, imitar, metamorfosear. Era um truque que ninguém esperava de uma americana, a combinação de ouvido bom, memória boa e compreensão das regras gramaticais, de modo que eu parecia mais prodígio do que era. Cada conversa era uma chance de me sobressair, curtir, me divertir e surpreendê-lo. Mas agora não consigo lembrar o que dizíamos um ao outro. Conversas em idiomas estrangeiros não ficam na minha cabeça como as em inglês. Não duram. Elas me lembram da caneta de tinta invisível que minha mãe me enviou no Natal quando eu tinha quinze anos e ela partira, uma ironia que escapou a ela, mas não a mim.

Saio de fininho antes de Gabriel me reconhecer ou um de seus funcionários sair de trás da mesa para me atacar oferecendo ajuda.

Não voltei a Massachusetts de propósito. Eu só não tinha outro plano. Não gosto de me lembrar daqueles dias em Chauncy, escrevendo contos na minha janela de sótão do terceiro andar, bebendo café turco no Algiers, dançando no Plough and Stars. A vida era leve e barata, e, se não fosse barata, eu usava um cartão de crédito. Meus empréstimos eram transferidos de um banco para outro, eu pagava o mínimo e não pensava em amortizar o saldo. Minha mãe, nessa época, tinha voltado a morar em Phoenix e pagava meus voos para vê-la duas vezes ao ano. O resto do tempo, falávamos ao telefone, às vezes, por horas. Fazíamos xixi, e pintávamos a unha, e cozinhávamos, e escovávamos o dente. Eu sempre sabia onde ela estava na pequena casa pelos barulhos de fundo, o arranhar de um cabide ou o tilintar de um copo sendo colocado na lava-louças. Eu contava sobre as pessoas na livraria, e ela me falava das pessoas no escritório no palácio do governo em Phoenix — na época, ela